



Cuidado: esquerda não é sinônimo de corrupção

Pôr a culpa no outro é o caminho mais curto para as tragédias. O nazismo pôs a culpa nos judeus

EUGÊNIO BUCCI

06/04/2015 08h00



Share

Há uma febre contagiosa se espalhando por aí, uma espécie de alucinação coletiva, uma enfermidade do pensamento que atinge multidões e que leva os contaminados a acreditarem que a origem de toda corrupção está nas convicções de esquerda. O sujeito que pegou a doença se torna raivoso e explode com facilidade. Basta ouvir falar em socialismo e já começa a gritar: “Vermes corruptos!”.

Um dos sintomas intrigantes da nova patologia é a perda de memória – uma perda de memória curiosamente seletiva, parcial, sectária. Não se sabe bem por que, mas os enfermos apagam da lembrança o fato notório de que as negociatas mais inomináveis que grassaram no Brasil nos séculos XIX e XX não foram urdidas por nenhum comunista. Esquecem que as roubafeiras continentais praticadas no tempo da ditadura militar foram obra da direita braba, uma direita analfabeta, brutalizada, sem nenhum traço de escrúpulo. Esquecem que, durante a ditadura, policiais de terno branco embolsavam doações de milionários para torturar adolescentes indefesos, os quais acusavam de estar a serviço de Moscou. Em vez disso, quem tem a febre só lembra que a guerrilha de esquerda assaltava bancos e daí conclui que todo esquerdista é, sempre foi e sempre será um ladrão.

Em estágios mais avançados, a febre fanática leva o impaciente paciente a crer que Karl Marx é o inventor da improbidade administrativa. Quando alcança as regiões do cérebro ativadas pela fé religiosa, o mal deleta as provas históricas de golpes financeiros perpetrados nos gabinetes do Vaticano. De uma hora para outra, o sujeito não se lembra mais dos caprichos sádicos da Santa Inquisição, do mercado paralelo de indulgências, da pedofilia acobertada por força de propina.

Você certamente ainda não foi contaminado. Se tivesse sido, já teria parado de ler esta coluna, ostentando sinais exteriores de irritação e fúria (esse, aliás, é outro sintoma: o portador da doença bufa ao ser contrariado quando o assunto é corrupção). Mas você pode estar correndo risco. É recomendável adotar atitudes preventivas. O mecanismo transmissor da febre só alcança aqueles

que se acomodam ao sedentarismo mental, quer dizer, que abandonaram a prática saudável do pensamento crítico. Você sabe: o pensamento crítico, do mesmo modo que nos convida a duvidar do poder e especialmente do governo de plantão – e neste governo que aí está, esse malogro assombroso e espalhafatoso, ficou impossível acreditar –, também nos estimula a duvidar das panaceias morais e das soluções milagrosas. A nova enfermidade consiste na adoração de uma dessas soluções milagrosas: acreditar fervorosamente que o futuro do Brasil depende do desaparecimento do PT e dos petistas. Aí, a corrupção vai acabar, prometem os profetas ensandecidos.

Só mesmo quem está muito ruim da cabeça pode embarcar nessa. Cuidado. Esse vaticínio traz em si o germe da pior corrupção moral, embora aparentemente se insurja contra a matriz de toda corrupção. A pior corrupção moral é crer que a felicidade de uns depende do extermínio de outros.

Não que você tenha de defender o PT, de modo nenhum. Esse tal Partido dos Trabalhadores deve ainda muita explicação ao país. Ainda não se sabe se ele é uma agremiação política polvilhada de agentes do crime ou se acabou rebaixado à condição degradante de organismo da ilicitude revestido da aparência de partido político. Um mínimo grau de inteligência e o compromisso elementar com a coisa pública requerem de todo cidadão que seja rigoroso com o PT. Ao mesmo tempo, a mesma inteligência e o mesmo compromisso cívico exigem de nós que não embarquemos em delírios ideológicos, como esse de acreditar que toda esquerda é a fonte de toda corrupção.

Não há nada de antiético nos ideais de fraternidade, estejam eles no cristianismo primitivo, nas bandeiras da Revolução Francesa, nos textos de Rousseau ou nos escritos de Marx. Não há nada de imoral em defender o direito à vida como um contrapeso para os abusos do mercado. Não há pecado, se você gosta da palavra, em regular o capital. Ao contrário, a sociedade livre, democrática e justa é devedora dos movimentos de esquerda, seja na defesa dos direitos dos trabalhadores, seja na busca de um regime que assegure a igualdade de oportunidades.

Pôr a culpa no outro sempre foi o caminho mais curto para as tragédias. O nazismo pôs a culpa nos judeus. Numa escala menor, a ditadura de Fidel Castro chegou a pôr a culpa nos homossexuais (depois recuou). Agora, pôr a culpa da corrupção nos esquerdistas não vai curar o país. E vai fazer adoecer a nossa imaginação.